



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**INTERAÇÃO LIVRE DE CRIANÇAS NA BRINQUEDOTECA
ESCOLAR: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DE SUAS ATIVIDADES.**

LORENA BORGES GULLO GOMES MELLO

Brasília, Dezembro/2014.

**INTERAÇÃO LIVRE DE CRIANÇAS NA BRINQUEDOTECA
ESCOLAR: UMA ANÁLISE PRELIMINAR DE SUAS ATIVIDADES.**

LORENA BORGES GULLO GOMES MELLO

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do professor Antônio Villar Marques de Sá.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Antônio Villar Marques de Sá (orientador).
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Prof. Dr. Simão Francisco de Miranda
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Prof.^a Dr.^a Milene de Fátima Soares
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho aos profissionais da educação que todos os dias são incansáveis na busca do desenvolvimento de nossas crianças de forma lúdica, construtiva e plena.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar ao meu filho, João. A partir de sua chegada pude perceber a necessidade e como é bom procurar sempre ser melhor. Hoje concluo uma etapa por mim e por nós. Para poder dar uma vida melhor a ele, desfrutar de momentos felizes, dar exemplos na sua formação, mostrar a ele um caminho de dedicação e estudo.

A minha mãe que mesmo não estando mais comigo, posso sentir seu apoio todas as vezes em que preciso. Em momentos de dúvida, consigo escutá-la me orientando e me conduzindo pela melhor direção. Por ter colocado em mim o desejo de ser professora, ter sido a minha maior inspiração de profissional e também como mãe. O tempo em que estive com nós, mostrou como um ser humano deve ser, justo, bom, dedicado, entre outras tantas qualidades.

Agradeço às minhas irmãs, Paola e Lísya, por serem a minha família desse jeito não tão comum. Por estarmos unidas em nossos planos e entre eles, com certeza está a minha graduação. Ter duas irmãs completamente diferentes me proporciona ver o quão lindo é cada pessoa com as suas particularidades e como podemos ser maiores juntando tudo isso. Elas são tias extraordinárias e me ajudam em tudo que eu preciso sempre, sendo com o João, com a faculdade, trabalho, tudo.

Rose, minha tia, por me dar todo apoio em casa, ajudando na criação do João e ficando com ele todas as vezes em que precisei me concentrar e me ausentar para fazer este trabalho. Tio Cacau, marido da minha tia e meu padrinho, por estar junto dela me apoiando e ajudando a cuidar do meu filho. Minhas primas, Josy e Lara, duas pessoas muito importantes em todos os estágios da minha, sendo minhas companheiras em momentos fáceis e difíceis, durante meu crescimento profissional e intelectual.

À minha família que mora no Rio, por me darem motivos para sorrir, perceber a felicidade por apenas tê-los como apoio para tudo. Por mais que eles não morem perto de mim e que não tenham visto meu desenvolvimento na Faculdade, contribuíram para minha formação pessoal desde o dia em que nasci e estarão comigo para todo o sempre.

Ao meu noivo, Philipe, por ter aparecido em minha vida quando eu muito precisava de apoio, atenção e amor. Por ter acolhido a mim e ao meu filho com toda sua dedicação e paciência. Andando junto a mim, sonhando juntos com o futuro e lutando por ideais semelhantes. Me ajudou muito a concluir este trabalho, mesmo quando era apenas um apoio psicológico para que tivesse força e continuasse tentando sempre, ou quando precisei que ficasse com o João enquanto encontrava com meu orientador.

Ao colégio Candanguinho e a minha antiga e primeira chefe, Patrícia Chaves, além de tudo uma grande amiga para o resto da minha vida. Por ter me deixado viver as experiências que carregou como bagagem da minha ainda curta carreira profissional. Me ajudando a crescer e amadurecer como pedagoga, pessoa, amiga e mãe.

À Universidade de Brasília, especificamente o curso de Pedagogia, com seu currículo que nos proporciona vivenciar diversas áreas que nós podemos atuar. Dando assim chance de escolhermos que caminho seguir em nossa vida profissional e acadêmica.

MELLO, Lorena Borges Gullo Gomes: **Interação livre de crianças na brinquedoteca escolar: uma análise preliminar de suas atividades.** Brasília, DF, Universidade de Brasília/FE- Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2014.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo observar crianças interagindo livremente em uma brinquedoteca escolar. Para tal discussão, nosso foco de análise foram as atividades realizadas por elas nesse momento de brincar livre. No mundo atual, especificamente nos cursos de educação que estudam a criança, há uma crescente percepção da influência do lúdico no desenvolvimento infantil. Nesse contexto, estamos inseridos nessa constante busca de novos elementos que agreguem riqueza a esse crescer, trazendo novidades nas atuações pedagógicas, incluindo o brincar na rotina dos alunos. As observações, foram realizadas em uma escola do Plano Piloto - DF, que possui um brinquedoteca. A análise delas pôde mostrar como as crianças normalmente agem na brinquedoteca, estando livres para interagirem da maneira que as deixem confortáveis, promovendo um enriquecimento indiretamente em seus desenvolvimentos.

Palavras-chave: brinquedoteca escolar, crianças, interação livre , lúdico e desenvolvimento.

ABSTRACT

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	1
ESTUDO REALIZADO	
Introdução	
Justificativa.....	
Objetivo Geral	
Objetivos Específicos	
REFERENCIAL TEÓRICO	
1. Conceitos históricos e legais da infância e do brincar.....	
1.1 Concepções sobre a infância.....	
1.2 Brincar como direito.....	
2. Relação entre o lúdico e o desenvolvimento infantil.....	
2.1 Brinquedos e Brincadeiras.....	
2.2 Brincando se desenvolve o cognitivo.....	
2.3 A formação do educador para atuar com ludicidade.....	
3. A brinquedoteca.....	
3.1 Breve histórico internacional das brinquedotecas.....	
3.2 As brinquedotecas européias.....	
3.3 O brincar livre.....	
METODOLOGIA.....	
Descrição do Espaço.....	
Relatório de Observação.....	
Análise das Observações.....	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	

MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci em agosto do ano de 1989, na cidade do Rio de Janeiro. Minha mãe, pedagoga de profissão e de coração já havia sido casada e eu já tinha uma irmã de seis anos. Meu pai, bombeiro, estava em seu primeiro casamento. Um ano depois do meu nascimento, eles se separaram e eu continuei morando com minha família materna, no Rio de Janeiro até perto de completar seis anos de idade.

Foi então, quando minha mãe resolveu abandonar a rede pública de ensino do Rio de Janeiro e tentar um emprego que de alguma forma melhorasse nossa qualidade de vida, em Brasília. Essa mudança gerou um pouco de medo e desconfiança em mim, afinal estava “deixando” parte da família, meu pai e minha escola. Desde bebê frequentei escolas, então este espaço com certeza já fazia parte da minha vida, do meu cotidiano.

Minha mãe, juntamente com a minha tia, trabalharam em uma creche onde eu e minhas duas primas estudamos até entrar na Educação Infantil. Ingressei em uma escola perto de casa. Lembro-me da sala de aula, dos deveres de casa, das festas tradicionais e de, principalmente, todos os dias voltar para casa com os meus avós maternos, responsáveis por parte da minha criação e do que sou hoje como pessoa.

Estava na metade do Jardim III quando nos fomos para Brasília, em agosto de 1995. Esta sim foi uma mudança muito brusca na minha vida escolar. As cidades tinham diferentes formas de alfabetização. No Rio eu seria alfabetizada apenas no ano seguinte e ao chegar aqui, todos os meus amigos já liam e escreviam com a letra cursiva. Lembro-me de sentir um pouco de vergonha e de ansiedade para, enfim, aprender a escrever como eles. Com sorte, minha professora foi maravilhosa e com muita atenção e carinho aprendi a escrever em tempo recorde. Tia Regina é até hoje um exemplo de profissional para mim.

Morar em Brasília nos trouxe uma rápida necessidade de amadurecer e quando falo no plural é para me referir também a minha irmã, que com 12 anos nunca havia pegado um ônibus direito e tinha que voltar comigo para casa após a escola. Sempre tivemos o apoio de nossos avós, cuidando e nos amparando em tudo o que precisássemos. Acabamos nos adaptando, fazendo amigos mas sempre ficou a sensação de saudade da nossa cidade amada e principalmente daqueles que nós deixamos.

Como minha mãe era a diretora da escola em que estudávamos; nós éramos bolsistas, seja onde for que ela trabalhasse. Sendo assim tivemos algumas mudanças de escola e também de endereço. Moramos em oito lugares diferentes até que em 2006 minha mãe comprou a casa em que moro até hoje. Uma casa grande e confortável para todos nós.

Mudei de escola por seis vezes, mas nunca tive muitos problemas com isso. Sempre fui uma boa aluna e tinha a certeza de que queria ser professora, até quando minha mãe foi trabalhar em uma escola que tinha como público estudantes de classe alta e filhos de pessoas influentes de Brasília. Não gostei nem um pouco de estudar nela, em função do grande contraste de realidade de vida. Com toda certeza, meus amigos não tinham a mesma vida que eu. Fiz a sétima série do ensino fundamental com muito custo e acabei reprovando a oitava. Imensa decepção para a minha mãe.

Nessa época, ela já não trabalhava mais em escolas e então pude voltar para uma que eu gostava muito e que tinha um custo que cabia no orçamento. A partir de então segui meus estudos da melhor maneira possível, entrei no ensino médio de forma tranquila e sem nenhum susto. Ainda peguei a fase do PAS (Programa de Avaliação Seriada), onde já no primeiro ano me preparava para as provas seriadas participando de uma turma específica de preparação na escola. Mesmo que eu já tivesse em mente a minha opção de curso, a insegurança que todos passam também morava em mim, será que estava fazendo a escolha certa?

Sofria com o preconceito em torno do curso de pedagogia e a profissão de professor. Todas as vezes que comentava com colegas e até mesmo com meus professores que iria fazer o vestibular para pedagogia, escutava frases como: “qualquer um passa para pedagogia na UnB!”, “Professora? Vai morrer de fome!”. Mesmo, assim eu não mudei de ideia e continuei estudando para as provas. Minha mãe também achava que eu pudesse escolher outro curso porque conhecia de fato as dificuldades da profissão.

Quando cheguei no terceiro ano do Ensino Médio, ano decisivo para muitos jovens, optei por fazer um curso pré-vestibular desde o início do ano e não continuar na turma específica de estudo que eu estudava. Faria a prova do meio do ano como teste e me prepararia melhor para a do final do ano, a mais importante, já que enfim teria concluído o Ensino Médio de fato. Estudei muito, muito mesmo! Não me recordo de ter estudado tanto como nessa época da minha vida.

Para a minha surpresa, e a de todos os meus familiares, passei na prova do meio do ano, antes mesmo de terminar o curso. A escola só iria me liberar caso eu fizesse uma prova

interna com as matérias do resto do ano, o meu resultado nesta prova me levaria ao certificado de conclusão do Ensino Médio. Assim eu fiz, passei e pude curtir a felicidade da sensação de ser uma nova aluna da Universidade de Brasília.

Logo no primeiro semestre, enfrentei uma greve na Universidade. Nossas aulas só se iniciaram em setembro, a ansiedade era grande. Minha prima, Josy, havia passado também, mas para o turno diurno. Este primeiro semestre foi tranquilo, conheci muitas pessoas e um pouco da Universidade. Ser caloura não é nada fácil, mas não me arrependi de ter feito esta escolha. Ainda mais, estudando no noturno, período que naturalmente, recebe pessoas mais velhas que me ajudaram bastante em momentos de imaturidade.

Em janeiro de 2008, minha mãe faleceu com um aneurisma cerebral, um grande choque para mim. Perdi meu exemplo, minha inspiração de profissional e além de tudo, minha mãe! Protetora, cuidadora do lar. Com muita paciência e cuidado fomos nos organizando e retomando nossas vidas. Minha irmã mais nova tinha apenas 10 anos, eu 18 e a mais velha, 24. O amadurecimento teve de ser praticamente instantâneo. Com o apoio da família, a tristeza virou saudade e dias depois eu já estava trabalhando em uma escola. Meu primeiro estágio, emprego e pagamento!

Novidades muito gostosas de viver. Trabalhava em uma sala com alunos de 4 e 5 anos na escola em que havia me formado. E por mais que tenha durado pouco tempo (seis meses) marcou muito toda a minha carreira e teve grande importância na minha formação. Durante este tempo fui chamada para estagiar no Ministério do Planejamento e resolvi mudar para experimentar algo novo. Que também fiquei por apenas um semestre.

Enquanto estagiava segui com minhas aulas tranquilamente, estudando, fazendo seminários nunca feitos anteriormente. Comecei a cursar algumas disciplinas do período da tarde, após o estágio. Infelizmente, ou felizmente, há tantas disciplinas optativas que não consegui focar em alguma área da pedagogia, queria experimentar várias opções. Em alguns outros momentos, não pude fazer disciplinas que gostaria porque os horários oferecidos não se encaixavam com o que eu tinha disponível.

Em fevereiro de 2009, comecei a estagiar na escola em que trabalho hoje como professora. Ao final do ano, fui contratada como assistente de sala. Trabalhei muito para conquistar esta promoção, principalmente porque havia outras meninas mais antigas que também gostariam de obter. Ter a carteira assinada pela primeira vez foi uma sensação muito boa, ainda mais por estar dentro de uma escola de nome.

Fui construindo minha carreira: durante três anos fui assintente de coordenação, responsável pela área de educação complementar da escola. Hoje sou uma das professoras do Estudo Dirigido, local onde é feito o dever de casa com as crianças que ficam no período integral. Eu realmente amo trabalhar nela, gosto do que faço. Como a maioria dos profissionais da área, acredito que temos um salário não condizente com nossa função, mas todos os dias tenho reconhecimento por parte dos meus alunos.

No ano seguinte, tive uma triste surpresa. Minha avó faleceu no dia do meu aniversário. Mais uma vez, tivemos que nos reestruturar, organizar, colocar a cabeça no lugar e continuar a viver. Onde antes moravam seis pessoas, restavam três. Três irmãs, cada uma de um pai diferente, tendo um elo muito forte, o amor. Minha irmã mais nova tinha 12 anos nessa época e foi a que mais sofreu, era muito apegada a minha avó, mas todas nós sofremos bastante.

A partir do momento em que minha mãe morreu, o pai da minha irmã caçula passou a ser o responsável por ela, mesmo que ela morasse conosco. Então, ele recebia a pensão por parte de minha mãe em nome da minha irmã e não repassava para a gente. Todas nós já estávamos cansadas de tentar resolver essa situação já que precisávamos do dinheiro para manter a minha irmã em uma escola boa, ter plano de saúde, uma vida digna.

No início do ano de 2010, minha avó deu entrada no pedido de guarda da minha irmã para que essa situação fosse resolvida. Com a morte dela, decidi entrar no lugar da minha avó no processo. Enfim, em outubro de 2010, conquistei a tutela da minha irmã com muito orgulho de mim mesma! Não foi nada fácil, mas foi uma das mais importantes atitudes que tomei. Desde este momento passei a cuidar dela como minha filha.

Nesse mesmo período, a UnB entrou em greve e quando as aulas voltaram, eu estava em meio a esse processo e acabei por abandonar todas as matérias que havia me matriculado. Não sabia que isso gerava o meu desligamento da instituição. Passados alguns meses, recebi em minha casa uma carta da UnB informando que havia sido desligada por abandono. Fiquei muito nervosa, desolada, sem saber o que fazer. Procurei minha coordenação, fiz uma carta como pedido de reingresso e por muita sorte, ou influência divina, fui reintegrada e continuei a estudar.

Confesso que durante esses últimos semestres, já não fazia tantas disciplinas por período. O trabalho já me cansava bastante, principalmente por morar longe do Plano Piloto e

ter que perder bastante tempo em engarrafamentos. Mas de qualquer forma, não abandonei mais nenhuma matéria e fui, aos poucos, chegando onde estou, enfim me formando.

Em março de 2013, ano em que eu pretendia me formar, descobri que estava grávida e entrei para a estatística de mãe solteira. Não me abalei, fiquei muito feliz com a notícia, mesmo não tendo nenhum apoio pela parte do pai. Sentia que, finalmente, minha vida irá passar por uma mudança, mas que dessa vez, não seria pela morte de alguém próximo, e sim pela chegada de um grande amor. Isso me trouxe esperança, e paz. Resolvi não correr para me formar porque gostaria de curtir cada instante desse momento maravilhoso que me encontrava. E assim eu fiz, vivi intensamente todos os exames, todas as consultas, enxoval e cuidados. Conclui todas as matérias obrigatórias, os créditos de optativas e o ano com meu bebê nascendo em novembro. Deixando para 2014 apenas a temível monografia.

Ser mãe não é nem de longe uma tarefa fácil! Desde que João nasceu, ele me surpreende em tudo e me mostra que nem sempre as coisas acontecerão na hora e do jeito que quero. Isso é comprovado com o fato de que não consegui fazer a monografia no primeiro semestre porque ele consumia bastante tempo do meu dia; de fato, é como se fosse uma dedicação exclusiva. E tenho para mim que como mãe, educadora e formadora, não gostaria de falhar.

Portanto, no segundo semestre de 2014, neste exato momento, estou estudando para finalmente concluir o ensino superior tão desejado por muitos, obtido por poucos. Me sinto uma privilegiada por poder ter esse grau a mais, principalmente sendo um diploma de nome, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Não me arrependo de nenhuma escolha e se fosse para fazer de novo, faria igual. Acredito que muitos dos meus erros foram por imaturidade, o que não mudaria caso eu pudesse voltar no tempo.

Espero continuar crescendo muito em minha profissão. Amo o que faço, estar rodeada por crianças com suas energias inacabáveis! Quero ficar velhinha e poder lembrar de como comecei, poder contar histórias hilárias que vivo todos os dias. Posso não ter a melhor profissão bem paga que existe, ou melhor reconhecida, mas tenho um retorno todos os dias, quando vejo um sorriso torto, quando ganho um desenho tão maravilhoso que mal posso identificar o que é, quando um pai ou uma mãe me agradece pelo meu trabalho. Enfim, sinto um orgulho de saber que posso fazer a diferença nesse nosso mundo.

ESTUDO REALIZADO

1. Introdução

Ao longo dos meus estudos no curso de pedagogia pude observar diversos temas pertinentes e relevantes para a nossa formação acadêmica, entretanto o que me motivou a produzir este trabalho, a escolha deste tema, foi a vivência com disciplinas: Atividades Lúdicas em Início de Escolarização, Educação Infantil e Recreação e Lazer. Momentos nos quais pude compreender um pouco do assunto e até mesmo mudar minha percepção de atuação profissional.

Além do contato com estas disciplinas, na procura por um orientador, encontrar o professor Antônio Villar, que havia ministrado a disciplina de Atividades Lúdicas a minha turma, com certeza é de imenso valor. Conversado sobre algumas ideias, por meio de um sonho levantou-se a possibilidade de atuar na escola em que trabalho, onde há uma brinquedoteca atendendo regularmente alunos da Área de Educação Complementar.

Sabendo das dificuldades que se tem ao montar uma brinquedoteca, seja onde for, e mantê-la com uma boa estrutura atendendo a crianças e suas particularidades, permitindo que elas brinquem livremente. O trabalho pretende mostrar um pouco de uma realidade de uma dessas poucas brinquedotecas que há no Brasil, com um pequeno grupo de alunos, trazendo uma reflexão de como proceder na formação desses espaço, na interação com os alunos, na apresentação dos materiais e na importância de se ter um lugar como esse onde há crianças.

Justificativa

Trabalhar em uma escola e ter contato direto com crianças, nos faz voltar a infância, repensar como foi a nossa vida durante esse tempo e buscar melhorar aquilo que não nos agradava, sem perder as noções de limite, educação e desenvolvimento. Com isso, torna-se perceptível a necessidade de estudar novos rumos e perspectivas de nossa atuação como professor.

Infelizmente, podemos perceber que nossas crianças estão cada vez mais vivendo em um mundo repleto de tecnologia, que tem sua enorme importância mas não pode substituir vivências de grande relevância para a formação infantil. É fundamental que a escola proporcione momentos com seus alunos, havendo o resgate das brincadeiras e brinquedos que

os façam movimentar e desenvolver áreas que os jogos eletrônicos, sozinhos, não conseguem alcançar. Ajudando também no processo de socialização deles.

A intensão em estudar esse foco, a brinquedoteca e o brincar livre, é para que possamos ampliar o olhar dos profissionais na educação sobre a atividade de brincar, sobre o papel do adulto nessa relação. Levando em consideração que para propor uma brincadeira, esse profissional necessita conhecê-la, como também o funcionamento dos brinquedos. Além de ter sempre, muita paciência, escuta sensível e disponibilidade para interagir com essas crianças em momento de interação ou saber observar quando eles estiverem brincando livremente.

2. Objetivos

a. Objetivo Geral:

Observar como acontece a interação das crianças, entre elas, com os brinquedos e brincadeiras na brinquedoteca escolar.

b. Objetivos específicos:

1. Identificar de que forma acontece a interação livre das crianças;
2. Definir quais são os brinquedos e brincadeiras mais realizadas e o porquê dessas preferências;
3. Investigar de que forma a brinquedoteca contribui para que o brincar livre ter resultados no desenvolvimento da criança;
4. Analisar quais são as ações possíveis de realizar para ter uma brinquedoteca de fato construtiva.
5. Perceber qual é o papel do professor ou monitor da brinquedoteca nessas atividades.

REFERENCIAL TEÓRICO

1. Conceitos históricos e legais da infância e do brincar.

1.1 – Concepções sobre a infância.

O conceito sobre infância passou por diversas modificações com o passar do tempo e as alterações de vida das pessoas pelo mundo. Antigamente as pessoas viam as crianças como pequenos adultos, assim como afirma Lima: “o mundo antigo desconhecia a existência (específica) da criança. Existiam, apenas, adultos de tamanhos diferentes”.(LIMA, 1980. p.100)

Elas se vestiam como adultos, realizavam atividades semelhantes e as brincadeiras não eram valorizadas. Segundo o autor, Rousseau, no século XVIII, foi o primeiro a perceber e estudar o adulto em miniatura, entendendo-o como, na verdade, um ser especial, com próprias características. A partir de então os educadores começaram a fazer, de forma empírica, testes para desvendar a personalidade da criança. Freud também dissertou acerca do tema, mas Piaget foi um precursor no assunto quando rebateu a ideia de que crianças seriam “caixas vazias”.

Para Santos a criança:

(...) não tinha existência social (...) seu valor era relativo, nas classes altas era educada para o futuro e nas classes baixas o valor da criança iniciava quando ela podia ser útil ao trabalho, colaborando para a geração de renda familiar.
(SANTOS, 2013. p.19)

Segundo Philippe Áries, era natural a mortalidade infantil nos séculos passados, em função de não se ter um cuidado específico com os bebês, se eles sobrevivessem eram inseridos na vida de um adulto. Não havia portanto distinção nem nas atividades de lazer, jogos e brincadeiras de crianças ou adultos.

Com o tempo, a criança passou a ser vista como uma pessoa em desenvolvimento, como afirma Pozas:

Nos dias atuais, define-se criança como alguém que tem, além de especificidades infantis, uma história, uma família, vive em determinado tempo e em um espaço

físico e social, produz e é produzida pela cultura, e é cidadã. Ela se constrói nas relações com os outros e com o mundo. (POZAS, 2013, p. 17).

Ainda que há muito estudo a ser feito a respeito do lúdico, a criança já é hoje diferenciada do adulto no quesito de necessidades e brincadeiras diferentes. Já compreende-se a necessidade de qualidade no atendimento a criança, assim como também um estudo acerca das brincadeiras livres e dirigidas na Educação Infantil.

1.2 – Brincar como direito.

Toda criança tem o direito de brincar conquistado e amparado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, que garante o tanto o direito a brincar, como praticar esportes e divertir-se como aspectos que compreendem o direito à liberdade. A lei nº9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, promulgada em 20 de dezembro de 1996, situa a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica e diz que é “direito das crianças brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil”.

Várias atividades podem ser entendidas como brincadeiras, é necessário analisá-las para compreendermos quais são importantes para o desenvolvimento de quem as pratica. Com isso, o estudo do lúdico ganha força nos cursos da área de educação, transformando o pensar e as atividades praticadas por estes profissionais com as crianças, promovendo e alcançando resultados significativos no desenvolvimento delas, como também mudando a escola e os locais onde há atividade pedagógica.

Com o passar do tempo, juntamente com esse suporte legal, as escolas perceberam a necessidade de momentos de brincar e sua contribuição para a aprendizagem. Mudando o modo como são realizadas as aulas e atividades escolares. Algumas delas passaram a integrar em seu espaço brinquedotecas escolares, lugar onde normalmente o brincar é livre, sem interferência de professores, monitores ou outras pessoas envolvidas.

Brincar é uma das principais atividades da criança. É por meio da brincadeira que ela revive a realidade, constrói significados e os ressignifica momentos depois. Dessa forma, aprende, cria e se desenvolve em todos os aspectos. (POZAS, 2013, p.15)

Podemos ver definições a respeito do brinquedo também, Pozas afirma que:

No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo, é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VIGOTSKY, 1984, p. 117 *apud* POZAS, 2013, p.17)

Podemos encontrar muitas opções de jogos, brinquedos e brincadeiras para as crianças, desde as mais simples até as mais complexas. Por mais que programas infantis, seriados e jogos eletrônicos sejam interessantes e tenham cunho educativo, é o ato de brincar fundamental para o crescimento infantil, contribuindo para o desenvolvimento do trabalho em equipe, comunicação, cooperação, e também, para o desenvolvimento cognitivo.

2. Relação entre o lúdico e o desenvolvimento infantil.

A partir do momento em que os jogos e brincadeiras passaram a ter seu valor no desenvolvimento da criança, ou até mesmo entendidos como lazer e direito das crianças, gerou espaço para o estudo dos mesmos e do lúdico. As contribuições desses estudos são citadas por Santos:

As atividades lúdicas possibilitam fomentar a ‘resiliência, pois permitem a formação do autoconceito positivo; Possibilitam o desenvolvimento integral da criança, já que através dessas atividades a criança se desenvolve afetivamente, convive socialmente e opera mentalmente. (SANTOS, 2013. p. 20)

Podemos entender que ao transformar atividades simples, algo natural, que é o brincar para uma criança, estaremos contribuindo para seu desenvolvimento em vários aspectos. Abrange tanto o cognitivo, quanto o social.

2.1 – Brinquedos e brincadeiras.

Os brinquedos, jogos e brincadeiras são determinados pelo tempo. Em cada momento haverá um tipo predominando entre as crianças marcando sua infância, por isso que nem sempre conhecemos ou vivemos as brincadeiras que nossos pais tiveram. Algumas perpetuaram durante muito tempo, passando por gerações mas isso não quer dizer que novidades não apareceram. Essa mudança pode ocorrer pela aceleração do conhecimento tecnológico que atende a produção de brinquedos, como também facilita a comunicação das crianças, tornando-as cohecedoras de vários assuntos por meio da internet, sendo assim, algumas brincadeiras passam a ser bobas, sem graça, já que não atendem a maturidade de informação que muitas já tem.

Antigamente, as brincadeiras eram semelhantes as atividades que os adultos realizavam. Meninas brincavam de casinha, meninos encenavam caças, havia as cirandas e jogos com bola, predominantemente masculinos. Dessa forma, elas já estariam preparadas para as suas atividades quando adultas. Almeida relata:

As crianças, nos jogos, participavam de empreendimentos técnicos e mágicos. O corpo e o meio, a infância e a cultura adulta faziam parte de um só mundo. Esse mundo podia ser pequeno, mas era eminentemente coerente, uma vez que os jogos caracterizavam a própria cultura, a cultura era a educação, e a educação representava a sobrevivência. (ALMEIDA, 1998, p.19).

Embora jogos e brinquedos existam desde o início da humanidade, eles não tinham caráter educativo, eram considerados fúteis e desnecessários. Hoje, vivemos em um mundo cada dia mais corrido e voltado para o consumo, a maioria das mães também trabalham, trazendo para a escola uma grande responsabilidades na criação de seus filho. Ou seja, temos muitas crianças que passam a maior parte do dia em escolas, realizando atividades diversas, não tendo tempo para brincarem livremente.

Os pais, por sentirem necessidade de suprir esses momentos, muitas vezes compram brinquedos nem sempre confiáveis para que a criança se desenvolva. Complementa Almeida:

“[...] cujo conceito chave se define no esbanjamento, redundância e alienação. O falso jogo não visa à formação, a educação, mas à doutrinação consumista, cuja meta é a imposição do produto a qualquer preço e a neutralização das pessoas nos aspectos mais essenciais. Quem mais se ressent e torna-se vítima desse monstruoso processo é a criança, que, sem saber o porquê das coisas, ainda é capaz de sorrir, brincar e acreditar num mundo diferente e verdadeiro. [...]”. (Almeida,1998, p.34)

Portanto, devemos sempre ficar atentos as jogos, brinquedos e brincadeiras que estão sendo utilizados por nossas crianças. O brincar não pode ser pensado apenas como passatempo, muito menos algo que permita a criação de valorizações cotrovérsas sobre o ato de brincar e os brinquedos. No caso da escola, cabe ao educador observar as melhores atividades para seus alunos se desenvolverem de forma saudável. Sobre as atividades lúdicas, salienta Dohme:

[...] tem que ser vistas como uma ferramenta educacional. Para isso deve-se conhecer os diversos tipos (jogos, histórias, dramatizações, canções, artesanatos, etc.), as características e potencialidades educacionais de cada um deles, bem como as suas formas de aplicação. E, sobretudo, deve fazer parte de um planejamento

onde cada intervenção está com a outra, com seu significado próprio, mas entrelaçado com o conjunto de forma a permitir efeitos previstos e mensuráveis. (DOHME, 2008, p 16).

Pozas, adota o significado para a palavra brincadeira definido por Kisimoto: “é a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica... é o lúdico em ação”. (KISHIMOTO, 2000. P. 21. *Apud* POZAS, 2013. p. 33). Segundo a autora dimensão lúdica da brincadeira é espontânea e natural de toda criança. O ato de brincar não limita quem o faz, fazendo com que se possa viver situações irreais ou impossíveis de se viver. Entretanto, não é uma ação inata, ela precisa de outras relações para acontecer.

Pozas cita novamente Kishimoto pontuando sobre a identificação do jogo infantil:

- Não literalidade. Nos jogos, a realidade interna predomina sobre a externa; a criança dá novo sentido a objetos e situações.
- Efeito positivo. o jogo infantil é caracterizado, normalmente, pelos signos do prazer ou da alegria.
- Flexibilidade. nas situações de brincadeira, as crianças tendem a ser mais flexíveis, buscando mais alternativas de ação do que em outras atividades. A brincadeira propicia a exploração.
- Prioridade do processo de brincar. A criança se concentra na atividade em si, e seu único objetivo é brincar. Nesse caso, alguns jogos e brincadeiras realizados em sala de aula com o objetivo de desenvolver noções e habilidades, que priorizam o produto, não estariam nessa classificação.
- Livre escolha. Só é jogo ou brincadeira se for escolhido livremente pela criança.
- Controle interno. São os próprios jogadores que determinam seu desenvolvimento. Mais uma vez, os jogos e as brincadeiras dirigidas, com o controle do professor, não estariam nessa classificação. (KISHIMOTO, 2002. *Apud* POZAS, 2013, p. 38)

2.2 – Brincando se desenvolve o cognitivo.

Há uma forte relação entre o brincar com o desenvolvimento cognitivo infantil. A aprendizagem da criança por meio da brincadeira se dá de forma prazerosa. Porque além de haver a diversão e criação Maluf cita:

Quando brincamos, exercitamos nossas potencialidades, provocamos o funcionamento do pensamento, adquirimos conhecimento sem estresse ou medo, desenvolvemos a sociabilidade, cultivamos a sensibilidade, nos desenvolvemos intelectualmente, socialmente e emocionalmente. (MALUF, 2007, p. 21).

Por isso se faz necessário a introdução de atividades lúdicas na Educação Infantil, fase de grande desenvolvimento da criança. Quanto mais ela for colocada em situações prazerosas como o brincar, ela irá aprender e assimilar coisas diferentes. Assim como também, conseguem criar um elo para expressar suas emoções, seus gostos, seus desgostos, facilitando até mesmo o trabalho do educador. Se ele tiver uma escuta sensível e souber observar seus alunos brincando aprenderá muito sobre eles.

Quando as crianças estão jogando, elas tem a necessidade de melhorar, isso acaba desenvolvendo suas habilidades. No jogo, elas percebem a importância de si mesmas e a do outro para alcançar o objetivo, que muitas vezes é simplesmente jogar, ou então, ganhar o jogo, chegar até o final.

Para Pozas, pensar em desenvolvimento cognitivo é lembrar sempre de três interlocutores, Piaget, Vygotsky e Wallon. Eles contribuíram para as pesquisas dessa área, mesmo em momentos que convergem ou divergem, propõem a brincadeira como processo de desenvolvimento.

Para Piaget:

A inteligência é uma adaptação. Para apreendermos as suas relações com a vida, em geral, é preciso, pois, definir qu relações existem entre organismo e meio ambiente. Com efeito, a vida é uma criação contínua de formas cada vez mais complexas e o estabelecimento de um equilíbrio progressivo entre essas formas e o meio ambiente. (PIAGET, 1966, p.15. *Apud* POZAS, 2013, p. 22)

Já para Vygotsky, a autora colocar três ideias centrais.

As funções psicológicas tem um suporte biológico e o cérebro é um sistema aberto, com grande plasticidade, cujas estruturas vão se modificando ao longo do tempo. A segunda diz respeito ao homem, que passa de ser biológico para sócio-histórico, cujo funcionamento psicológico se dá em suas relações com o mundo exterior, dentro de um processo histórico. Assim, é na cultura que são desenvolvidas suas funções psicológicas superiores. Por fim, a terceira declara que a relação homem-mundo não é direta, mas, sim, mediada por sistemas simbólicos – elementos intermediários nessa relação, os quais podem ser instrumentos ou signos. (POZAS, 2013. p. 23)

Wallon “busca compreender cada uma das manifestações no conjunto de suas possibilidades, desconstruindo, assim, a concepção de que a criança é um ser com faltas e insuficiências.”(POZAS, 2013, p. 23) Diante das pontuações feitas por Pozas, podemos ver

que os três autores citados por ela baseiam-se no sujeito, no caso, a criança, para suas definições.

Piaget entende que a criança desenvolve seu conhecimento estando em contato com a ação e objeto, socializando depois. Para Vygotsky e Wallon, a compreensão do social interfere no crescimento individual da criança. Os três convergem no pensamento de que, ao desenvolver a linguagem, há mudanças na forma de se relacionar com o mundo. Mas Wallon e Vygotsky acreditam que a linguagem cresce junto ao pensamento, ao contrário de Piaget.

Diante do assunto, Pozas conclui:

As brincadeiras fazem parte dessas relações. Na atividade lúdica, a criança ousa experimentar o mundo real – aquele que ela vem compreendendo com a ajuda do adulto e que está imerso no cultural, no social e no histórico. Ao acreditar ser a brincadeira uma aprendizagem social que pressupõe relações e encontros, esta seria, certamente, a forma mais interessante de se viabilizar o desenvolvimento cognitivo da criança. (POZAS, 2013. p. 29)

2.3 – A formação do educador para atuar com o lúdico.

Primeiramente, o mundo do “faz de conta” não deve ser visto como passatempo, atividade livre e sem importância. O educador tem de se colocar como observador assíduo desses momentos para poder melhorar sua atuação. Já que desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento infantil, esses momentos devem fazer parte do planejamento adequando a rotina dos alunos.

Na Educação Infantil, o educador tem papel fundamental no desenvolvimento de suas crianças. Tornar a sala de aula um espaço lúdico, de fato, não é fácil, até porque envolve outros membros da escola. Mas de alguma forma sua atuação pode ser lúdica facilitando o processo mesmo que seja necessária com interferência dele, não deixando livremente a escolha da brincadeira mas mostrando do que a criança pode brincar.

As atividades lúdicas devem fazer parte do cotidiano das crianças, pois elas fazem parte do universo infantil, momento em que há a “obrigação” da criança de brincar, amadurecer livremente, crescer socialmente e psicologicamente.

Dessa forma, ao planejar ou propôr uma brincadeira ou jogo, este educador deve avaliar a importância de sua escolha, quais são as vantagens de se propor tal atividade, mesmo que a resposta para esse questionamento individual seja apenas o brincar livre, utilizando-o para uma observação geral das crianças. Complementa Maluf:

Sem dúvida, as atividades lúdicas nas práticas educativas não devem ser aplicadas sem nenhuma intenção educativa. Elas ao serem aplicadas devem mostrar explicitamente a intenção de provocar aprendizagem significativa na criança, despertando-a para a reconstrução ou construção de novos conhecimentos. (MALUF, 2008, p. 42)

Tornando imprescindível que o educador conheça seus educandos, a realidade de vida deles, o que já apresentam de desenvolvimento, como normalmente isso se dá, o que com certeza será mais fácil de conseguir, ao observar sua turma brincando livremente e mostrando suas particularidades, como resolvem situações de atrito, como lidam com a frustração, se sabem entender a perda, se conseguem propor novas brincadeiras sendo crianças pró ativas, durante este processo, sendo assim o seu trabalho fluirá e atenderá as suas expectativas.

Nessa fase da infância, das grandes descobertas, o planejamento do professor deve incluir a atividade lúdica em prol do desenvolvimento da criança, abordando os diversos temas necessários a educação de forma lúdica. Além de ser prazerosa “são instrumentos pedagógicos altamente importantes, mais do que entretenimento, são um auxílio indispensável para o processo de ensino-aprendizagem [...]” (MALUF, 2008, p.42).

Maluf sugere algumas funções que o professor pode ter:

- Dar apoio;
- Escolher o momento certo para ajudar a criança a se retirar da brincadeira, quando se sentir segura;
- Assegurar sempre que a criança esteja pronta para novas experiências, deixando que ela se manifeste;
- Dar ideias: sugerir novas atividades, e estar sempre preparado a ter ideias rejeitadas, quando as crianças ficarem determinadas e seguirem outro rumo;
- Estimular conversas: as vezes a conversa decorre naturalmente da brincadeira, desviando a atenção da criança do aqui e agora;

- Dar conselhos: julgar cuidadosamente quando a criança será capaz de aprender com a experiência, ou se é melhor intervir;
- Atuar como juiz: avaliar situações, intervir, para resolver atritos ou evitá-los;
- Tomar parte na brincadeira: aceitar qualquer papel que lhe seja atribuído;
- Ajudar a criança e dificuldades quando alguma tarefa está além das suas capacidades; (MALUF, 2007, p. 76 e 77).

E claro, para que isso dê certo, o professor precisa gostar de brincar, amar o que faz, estar feliz e disposto em trazer esse tipo de vivência e aprendizado para seus alunos. Fazer forçadamente a ação não trará benefícios aos envolvidos.

3. A Brinquedoteca.

Podemos perceber deste trabalho, a necessidade do brincar se fez suporte legal, estudo teórico e já está ganhando espaço nas escolas e lugares onde atende o público infantil. Porém, achar um espaço ideal para que isso ocorra está cada vez mais difícil, assim como tempo para os pais e responsáveis para a realização destas atividades. Abrindo caminho para o surgimento e crescimento das brinquedotecas pelo País.

Elas estão implantadas em vários espaços, como em escolas para horários livres e antes ociosos, shoppings para momentos em que os pais necessitem de tempo e os deixam brincarem livremente sob vigia dos monitores, hospitais a título de humanizar este ambiente promovendo também apoio aos familiares da criança internada.

3.1 – Breve histórico das Brinquedotecas do mundo.

No ano de 2003, na Áustria, a definição de brinquedoteca foi firmada. “ As brinquedotecas fornecem recursos para brincar, incluindo jogos e brinquedos, para a equipe treinada e para o espaço designado.” Sendo assim, as brinquedotecas já instaladas pelo mundo passaram a ter regras para sua existência, permanência e construção de uma nova.

A brinquedoteca deve fornecer brinquedos para o livre brincar, mas também pode favorecer as relações de aprendizagem e desenvolvimento. Uma forma de

“avaliar” uma brinquedoteca é reparar em seu acervo de brinquedos, quanto maior, mais importância é dada ao ato de brincar. Cada país desenvolve seu estilo de brinquedoteca de acordo com sua cultura. No Brasil, já podemos ver alguns brinquedos destinados a crianças com alguma deficiência, gerando inclusão.

Ela pode ser criada por um grupo, empresa ou indivíduo, basta ter a vontade. As pioneiras dessa criação foram Nylse Cunha (brasileira), Forell Annetine (australiana), Ruth Kobayashi (japonesa) e Natália Pais (portuguesa), disseminando pelo mundo o conceito de brinquedoteca e sua importância para garantir o direito de brincar das crianças. Elas se juntavam a cada congresso que é realizado a cada três anos, o primeiro ocorreu em 1978, em Londres.

Normalmente, as brinquedotecas já criadas em um país ajudam a erguer novas em outros países, mosteando os caminhos, norteando as ações. Várias tentativas foram feitas para disseminar pelo mundo o conceito de brinquedoteca mas até hoje não há legislação que a apoie. Atualmente, há muita atividade nessa área na América do Sul.

E mesmo que a brincadeira se dê de forma individualizada ou em grupo, com brinquedos tecnológicos ou mais simples, com interferência de um adulto ou não, o mais importante é brincar.

3.2 As brinquedotecas européias.

A Europa possui mais de 50 anos de experiência com cerca de 6500 brinquedotecas espalhadas por diversos países. A principal qualidade delas, é de serem abertas ao público. Diferente do Brasil que, normalmente, tem suas brinquedotecas privadas.

As brinquedotecas da Europa também ajudam ao fornecer material para creches e escolas. Oferecem também outros tipos de serviço, pontuados por Oliveira:

- Atividades lúdicas para crianças de todas as idades, depois da escola;
- Jogos em ambiente interno e externo sob a supervisão de brinquedistas;
- Atividades lúdicas especiais para adultos, como, por exemplo, as chamadas “noites de brincar”, com a possibilidade de tomar uma bebida e jogar com outras pessoas;

- Os cursos de formação para os pais com o objetivo de mostrar-lhes que brinquedos ou jogos são apropriados para determinadas idades;
- Os cursos de formação para os pais com o objetivo de mostrar-lhes que brinquedos ou jogos são apropriados para determinadas idades;
- Diferentes obras de artesanato;
- Cursos de música e teatro;
- Atividades lúdicas especiais para lares de idosos;
- Atividades lúdicas especiais para feiras e exposições públicas;
- Cooperação com outras organizações. (MARLI, 2013. p. 47)

Percebe-se a evolução que a Europa já teve em relação ao mundo. Abrir a brinquedoteca para além do mundo infantil, faz dela plataforma de desenvolvimento social e cultural de todos os interessados.

METODOLOGIA

A observação foi feita com quatro alunos, três meninos e uma menina, todos com cinco anos de idades e estudantes do Jardim II. Eles estudam no período da manhã e durante a tarde fazem atividades complementares, sendo uma delas a Brinquedoteca. Essa observação ocorreu no período de 29 de setembro a 3 de outubro e 6 de outubro a 10 de outubro, totalizando dez dias com eles nesse momento.

Feito apenas uma observação, sem fazer qualquer intervenção. Como todas as crianças me conhecem tive que fingir durante o tempo todo que estava ocupada com um trabalho para que evitassem que elas se incomodassem com a minha presença, mudando o padrão de um dia na brinquedoteca. Nos três primeiros dias notei que em vários momentos eles me olhavam mas continuavam fazendo a mesma coisa, já nos últimos dias eles se acostumaram comigo e até perguntaram na semana seguinte por que eu não estava mais ficando com eles.

O nome das crianças foram trocados para manter o sigilo.

DESCRIÇÃO DO ESPAÇO

A escola particular na qual foi feito o trabalho encontra-se em uma região nobre do DF, portanto atende a alunos de classe alta. Ela atende do berçário até o Ensino Médio, um espaço bem amplo, com salas bem equipadas e profissionais qualificados. Na escola, há o Centro de Línguas que coordena todas as aulas de língua estrangeira tanto do currículo escolar quanto dos cursos da área de Educação Complementar. Ao lado da escola, há uma academia que possui uma gestão em comum; além de espaços utilizados pela Educação Complementar, possui o parque aquático onde são dadas as aulas de natação da escola.

Então, para que fique mais claro, existem quatro espaços diferentes e com coordenações específicas, porém com uma gestão central. São eles: a escola regular, o centro de línguas, a academia esportiva e o setor de educação complementar. Nosso objeto de estudo está neste último setor.

A área de Educação Complementar da escola observada atende os alunos em horário contrário ao da aula regular. Assim, como oferece atividades contratadas isoladamente pelos pais, seu horário de funcionamento é de 8h às 20h e recebe estudantes a partir do Maternal II até o Ensino Médio. Cada aluno possui um cronograma de atividades personalizado, de acordo com o interesse dos pais. As matrículas e os cancelamentos podem ser realizados durante todo o ano.

Atualmente, são aproximadamente 500 alunos realizando essas atividades extracurriculares. O espaço conta com um hall de entrada, sala de lanche, sala de coordenação com apoio de duas secretárias, sala de artesanato, sala de teatro, quatro salas de aula para apoio e realização de tarefas de casa e cinco banheiros. As salas da academia também são utilizadas para as aulas de ballet, capoeira, judô e natação. Já as aulas de basquete, futsal, patinação, tênis e vôlei são realizadas nas quadras da escola (cinco no total). As aulas de inglês e informática são ofertadas nas salas da própria escola.

A equipe conta com 17 profissionais em sua maioria da área de pedagogia e mais os professores específicos de cada atividade. Por fim, apresento o nosso foco de trabalho, a brinquedoteca. Espaço de uso dos alunos da educação complementar em momento livre ou como atividade fixa em seu cronograma. Além disso, esta mesma brinquedoteca atende a filhos de alunos da musculação da academia em seus horários de treino. O movimento dela é relativamente tranquilo, já que o limite de crianças por hora é de 12 alunos, e olhando por eles existe uma monitora (estagiária de pedagogia) para cada turno (manhã e tarde).

A brinquedoteca tem um espaço bom, porém não o ideal, porque tem grandes portas e janelas de vidro (Figura 1). Mede 5 metros de comprimento por 3 metros de largura e tem uma circulação de ar muito boa quando as janelas estão abertas; em dias de chuva há apenas a circulação de ar da porta principal e com um ventilador. Estas janelas facilitam a visão de quem está de fora, mas tornam-se perigosos para as crianças. Possui um espaço que remete a uma “casinha” (Figura 4), com vários móveis e utensílios em tamanhos reduzidos, como fogão, penteadeira, berço de bebê, mesinha, panelinhas, telefone, bonecas, mini cozinha. Não

há muitos brinquedos grandes, apenas um escorregador (Figura 1), mas há muitos brinquedos pedagógicos como quebra-cabeças e jogos de montar (Figura 2).

Possui um tapete emborrachado grande onde as crianças podem brincar descalçadas. Nele estão estacionados alguns carrinhos, um mini posto de gasolina, algumas caixas com blocos de montar. Há também disponíveis para as crianças papel e lápis de cor para desenhos livres, assim como massinha de modelar, um quadro branco com canetas para desenhar (Figura 3). Nas fotos pode-se observar melhor como é feita essa distribuição do espaço e brinquedos.



Figura 1 – Visão geral da brinquedoteca.



Figura 2 – Caixas com blocos de montar.



Figura 3 – Quadro branco para desenhar.



Figura 4 – Casinha de bonecas.

RELATÓRIO DAS OBSERVAÇÕES

1º dia – 29 de setembro (segunda-feira)

Após todas terem terminado seus respectivos deveres de casa foram encaminhados para a brinquedoteca, nem todos estudam na mesma turma então os deveres de casa não são os mesmos e o tempo de realização deles é diferente de cada criança.

Alexandre levou neste dia para a escola um estojo com lápis de cor que sua mãe havia lhe dado e pediu para que pudesse levar a brinquedoteca para mostrar e emprestar aos amigos, então todos ficaram desenhando em um primeiro momento. Os meninos se reuniram e Lara ficou mais perto de mim, acredito que por semelhança de sexo, já que enquanto eles desenhavam eles começaram a conversar sobre Pokémon, um desenho infantil caracterizado como um desenho “de menino”.

Como não quis interferir em nada, continuei observando enquanto Lara continuava sentada perto de mim. Neste dia a brinquedoteca estava apenas com eles, não havia mais

nenhuma outra criança. Percebi que ela então estava se sentindo sozinha para poder brincar ou conversar.

Passado algum tempo, Lara decidiu se aproximar dos meninos e demonstrou interesse a conversa deles, perguntando sobre o desenho. Todos os meninos se voltaram a ela para lhe explicar como eram os personagens, quais eram mais legais, do que eles mais gostavam, e de fato ela se sentiu incluída ao grupo.

Mateus e Guilherme observavam pela janela de vidro crianças jogando bola na quadra externa e questionaram o porquê de não poder jogar bola dentro da brinquedoteca a monitora, que paciente disse que em outra oportunidade os levaria para brincar do lado de fora. Todos aceitaram prontamente e voltaram a conversar.

Mateus convidou os amigos para organizarem os lápis de cor em ordem, para que ficassem como o arco-íris, todos quiseram participar. Quando não sabiam a ordem, nos perguntavam. Não resisti a não interferi, e procurei na internet fotos de arco-íris para que eles olhassem, eles adoraram. Ficamos conversando sobre esse assunto até que o tempo de brinquedoteca acabou. A monitora os chamou para calçarem seus sapatos e foram embora.

1º dia – 30 de setembro (terça-feira)

Três meninos já estavam na brinquedoteca antes da chegada do grupo observado.

Os meninos terminaram o dever e foram para a brinquedoteca e Lara ficou porque demora sempre um pouco mais do que eles para concluir a sua tarefa de casa, assim que terminasse iria para lá também. Alexandre foi o primeiro a procurar algo para brincar, pegou uma folha branca e fez um avião de dobraduras, coloriu com lápis de cor e ficou brincando de arremessá-lo com outro colega que já estava na brinquedoteca antes deles.

Guilherme reclamou de dor de barriga e uma das professoras ligou para o seu pai, não queria brincar com nada, apenas ficar sentando observando as outras crianças brincando. Lara mais uma vez não teve nenhuma companhia feminina e pegou um gibi para “ler” (eles ainda não sabem ler) ao lado da monitora que estava sentada em uma cadeiras.

A monitora os chamou para brincar de bola do lado de fora da brinquedoteca, em uma das quadras da escola. Todos gostaram da idéias, menos a Lara. Os meninos ficaram jogando futebol, Lara ficou sentada conversando com a monitora e Guilherme ficou sentado ao lado esperando a chegada de seu pai para que pudesse ir embora.

3º dia – 1º de outubro (quarta-feira)

Choveu muito nesse dia e a brinquedoteca alagou, então no horário em que as crianças teriam de ficar nela a monitora os levou para outra sala para verem um filme. Eles viram “A casa monstro”, apesar de ser um filme antigo e por isso alguns alunos reclamaram um pouco, eles gostam muito de ver filme. Até porque é uma possibilidade de relaxar, ficar deitado, já que eles passam o dia todo na escola. Mateus pegou um tapete e deitou sozinho, Alexandre deitou com um colega que estava na sala mas que não faz parte desse grupo de observação, ficavam mais conversando do que vendo o filme, as professoras toda hora chamavam sua atenção. Lara e Guilherme ficaram sentados no mesmo tapete assistindo atentamente ao filme já que ambos não o haviam visto ainda.

4º dia – 2 de outubro (quinta-feira)

Os quatro alunos chegaram juntos, a monitora nesse dia guardou os papéis e os lápis de cor no intuito de fazê-los brincar de outras coisas. Perguntei em off para as professoras se ela tinha esse costume ou era pela minha presença, todas confirmaram ser rotina dela apresentar novidades a eles.

Os meninos começaram a brincar no escorregador, sendo que um deles era a pessoa que autorizava a descida dos demais. A brinquedoteca estava bem cheia, muito barulhenta e abafada, dificultava as brincadeiras e as transições das crianças por ela entre uma brincadeira e outra.

Lara começou a brincar na casinha de bonecas com uma menina que já estava lá. As duas interagiam muito bem e demonstravam domínio na brincadeira de faz de conta com os utensílios domésticos como as panelinhas, telefone e penteadeira. Passaram todo o tempo nessa brincadeira.

Logo que os meninos cansaram, cada um pegou um carrinho e começaram a brincar individualmente. Somente em alguns momentos um se relacionava com o outro, principalmente quando queriam passar seus respectivos carrinhos pelo mesmo lugar, sem gerar nenhum atrito, pareciam estar brincando juntos e logo depois já voltavam a brincar sozinhos.

5º dia – 3 de outubro (sexta-feira)

Sexta-feira é normalmente um dia mais calmo nessa área de educação complementar, porque muitos pais optam por não contratar esse dia e assim seus filhos tem um dia de descanso. Porém os quatro alunos em observação estão matriculados na sexta. Lara faltou neste dia porque viajou, Guilherme não leva o dever de casa nas sextas porque sua mãe gosta de fazer junto a ele no final de semana. Somente Alexandre e Mateus foram fazer seus deveres e Guilherme foi para a brinquedoteca.

Como Guilherme chegou primeiro, foi se enturmado com duas crianças que já estavam lá brincando com blocos de montar, sentados em uma mesa pequena, montando castelos e conversando ao mesmo tempo. Quando Alexandre e Mateus chegaram, Guilherme deixou de brincar com os outros e os chamou para também brincar com blocos de montar sentados agora no tapete.

Primeiro eles montaram armas como espadas e pistolas, mas foram repreendidos pela monitora, passaram a brincar com as armas tentando esconder dela, fingindo estarem brincando de outra coisa, falando em tom baixo. Claro que ela percebeu e então pediu para que eles lhe entregassem os blocos de montar e escolhessem outra coisa para brincar. Ficaram chateados, argumentaram várias vezes que não estavam fazendo armas, disseram que brincariam diferente mas não mudou a decisão dela, que prometeu liberar os blocos um outro dia.

Sentaram e ficaram conversando sobre o passeio de formatura que eles iriam fazer alguns dias a frente. Depois pediram para fazer um avião de papel, a monitora deixou e eles ficaram brincando de arremessar o avião enquanto o outro tentava pegar antes de cair no chão, até a hora de irem embora.

6º dia – 6 de outubro (segunda-feira)

Segunda-feira é naturalmente um dia bastante agitado nas escolas porque as crianças chegam cheias de novidades do final de semana para contar. Elas ficam bem barulhentas e resistem um pouco às ordens de boa conduta, nada demais para os professores que já estão acostumados e sabem melhor do que mais ninguém lidar com isso.

Em função dessa agitação as crianças demoraram um pouco mais que o normal para terminarem seus deveres porque ficavam conversando durante a execução e dispersavam com facilidade. Portanto o tempo de brinquedoteca ficou reduzido, ficaram bastante irritados quando perceberam esse pouco tempo, logo quando chegaram e a monitora os informou.

Lara pediu para brincar com massinha e com as panelinhas da casinha. Os meninos resistiram um pouco por preconceito à casinha mas quando a viram mexer com a massinha e forma como Lara brincava, não resistiram e pediram para brincar com ela, que claramente gostou da idéia. Brincaram um pouquinho e quando a brincadeira estava tomando forma o tempo acabou e eles foram embora reclamando bastante.

7º dia – 7 de outubro (terça-feira)

Todos chegaram para fazer o dever comentando que tinham que terminar logo para terem mais tempo na brinquedoteca. Queriam voltar a brincar da mesma coisa que no dia anterior. Terminaram de forma rápida a tarefa, foram encaminhados a brinquedoteca e logo pegaram a massinha e foram para a área da casinha,

Lara fazia com a massinha, alimentos para brincar com as panelinhas, os meninos criavam bonecos. Logo depois passaram a observar a Lara que brincava sozinha e Alexandre propôs que brincassem de restaurante, todos aceitaram, Lara passou a “cozinhar” pizzas e os meninos serviam a mim e a monitora. Eles nos perguntaram quais os nossos sabores preferidos e então a cozinheira fazia para nós, além de nos trazer as “bebidas”. O tempo da brinquedoteca acabou e nesse dia eles foram embora bem animados.

8º dia – 8 de outubro (quarta-feira)

Nesse dia a escola pediu para que os pais levassem bicicletas para que eles andassem de manhã na hora do recreio. Como nossos alunos observados ficam o dia inteiro na escola, eles chegaram para as atividades da tarde com suas bicicletas e estavam loucos de vontade para brincar de novo. Já no início do dia, as professoras prometeram que se todos se comportassem bem, andariam no final do dia de bicicleta na quadra da escola.

Então no final do dia e após a execução da tarefa de casa, a monitora e todas as outras professoras os encaminharam para quadra com as bicicletas. Eles adoraram a ideia. Como foi

um acordo com todos os alunos, não havia somente os nossos quatro observados, havia 12 crianças da quadra com idades entre 4 e 8 anos, todos andando em suas respectivas bicicletas,

Brincaram de corrida, andaram aleatoriamente pela quadra de forma desordenada, trocaram um com o outro. Os menores queriam andar nas bicicletas dos maiores que as emprestavam e achavam graça quando eles não conseguiam alcançar os pés no chão. Assim como os menores riam dos maiores que iam andar nas bicicletas deles e ficavam desproporcionais.

As professoras também andaram na bicicletas que alguns emprestaram, gerando momentos de muitos risos soltos! Alguns questionavam se nós também sabíamos andar de bicicleta e se impressionavam quando alguma professora andava em pé na bicicleta, ou sem as mãos, ou rápido demais. O tempo passou super rápido, afinal foi uma atividade muito gostosa.

9º dia – 9 de outubro (quinta-feira)

Dia de folga para eles! A escola estava comemorando o dia das crianças e então as professoras não passaram dever de casa para eles. Ou seja, um horário inteiro de brinquedoteca. Momento muito raro para eles que seguem uma rotina de horários bem cheia de atividades e com pouco tempo para se divertirem livremente ou até mesmo para não fazerem nada.

Como nesse dia pela manhã eles tiveram um dia de festa, eles estavam muito cansados. Notório pela fisionomia deles. Lara pediu para pentear o cabelo da monitora e fazer um penteado nel, havia levado para brincar de manhã uma maleta com acessórios de cabelo e maquiagem. Amou quando as professoras deixaram que ela cuidasse delas e tiraram muitas fotos depois de ter as deixado “muito lindas”, com “cara de princesa”.

Guilherme estava com muito sono, entrou na brinquedoteca, pegou logo um tapetinho e após o posicionar no chão deitou e em pouco minutos estava cochilando. As professoras ficaram impressionadas com o cansaço deles e então perguntaram aos outros se eles também gostariam de se deitar. Somente Alexandre não quis e então ele ficou brincando com os blocos de montar em uma mesa e os demais cochilaram.

10º dia – 10 de outubro (sexta-feira)

Ultimo dia de observação, eles também não tiveram dever de casa por conta da semana da criança mas não estavam tão cansados porque as atividades pela manhã foram mais tranquilas. Neste dia a tarde fizeram um lanche coletivo para comemorar o dia das crianças, então logo após o lanche as crianças já foram para a brinquoteca já que não havia dever. Ela estava cheia, com nove crianças além das nossas quatro.

Mateus pediu para fazer um desenho para mim. Após desenhar pediu para que eu soletrasse a eles as letras da frase “eu te adoro. Mateus.” E então escreveu na folha, dobrou e me entregou. Alexandre e Guilherme brincaram inicialmente com blocos de montar, empilhavam o bloco o mais alto que eles conseguiam e depois os derrubavam provocando risos entre eles e voltavam a montar outro “prédio”. Todas as vezes que iam derrubar gritavam “madeeeeira!”, ato normalmente visto em desenhos.

Lara brincava de casinha com outras meninas mais velhas que a fizeram de filha na divisão de personagens da brincadeira. E ficaram brincando de cozinhar, levar a escola, colocar para dormir, atitudes do cotidiano das pessoas. Elas chamaram os meninos para brincarem também mas eles não aceitaram.

Mateus depois que terminou o desenho só quis ficar conversando comigo sobre o que faria no final de semana, a mãe havia prometido levá-lo ao shopping e ele estava sonhando com a possibilidade de ir a uma loja de brinquedos e ganhar um boneco novo. Não conseguia prestar muita atenção no que ele me dizia porque estava observando também os outros e anotando alguns pontos, mas pude ver a ansiedade para que o dia terminasse.

Alexandre e Guilherme deixaram os blocos de montar jogados no chão e passaram a brincar com carrinhos. A monitora pediu para que guardasse o brinquedo para então iniciar outra atividade. Decidiram voltar a brincar com os blocos, montaram armas como no outro dia, a monitora novamente disse que não podia brincar de armas na escola. Desmontaram as armas e foram para a janela observar as crianças que estavam do lado de fora. Pediram para jogar bola e ela disse que hoje não poderia ir para o lado de fora porque havia muita crianças. Pegaram gibis para ler e o tempo de brinquedoteca acabou. Foram embora com seus pais.

ANÁLISES DAS OBSERVAÇÕES

Com essas observações podemos perceber principalmente que em uma brinquedoteca cheia de brinquedos e opções de jogos diferentes deve haver de alguma forma uma condução do monitor para que as crianças vivenciem essas brincadeiras, mudando sua rotina e experimentando novidades.

Normalmente elas brincam da mesma coisa em repetidos dias. Ação que pode ocorrer pela distribuição dos brinquedos, dentro de caixas mal localizadas ou até mesmo dentro de armários, onde as crianças não os vêem. Na brinquedoteca há vários quebra-cabeças, jogos da memória e outros jogos pedagógicos condizentes com a idade das crianças observadas mas estão todos guardados em armários, em nenhum dia eles brincaram com algum destes jogos.

Os alunos repetem as brincadeiras que mais gostam e se sentem confortáveis, mas sempre que algum deles propõe uma brincadeira nova, em sua maioria aceitam. A não ser brincadeiras que são direcionadas ao mundo feminino ou masculino, onde o oposto na maioria

das vezes não aceita por existir um preconceito porque, independente de ser notório a vontade de brincar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA, Vera (organizadora). **Brinquedoteca: uma visão internacional**. Petrópolis – RJ. Ed. Vozes 2011.

SANTOS, Marli (organizadora). **O lúdico na formação do educador**. 9ª edição. Petrópolis – RJ. Ed. Vozes 2011.

POZAS, Danise. **Criança que brinca mais, aprende mais: A importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil**. Rio de Janeiro – RJ. Ed. Senac 2013.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Piaget para iniciantes**. 1ªed. São Paulo: Summus Editorial, 1980.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação lúdica: Técnicas e jogos pedagógicos**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

DOHME, Vania. **O valor educacional dos jogos: Jogos e dicas para empresas e instituições de educação.**
1. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.